

## Portugal há um século: a guerra ainda está longe

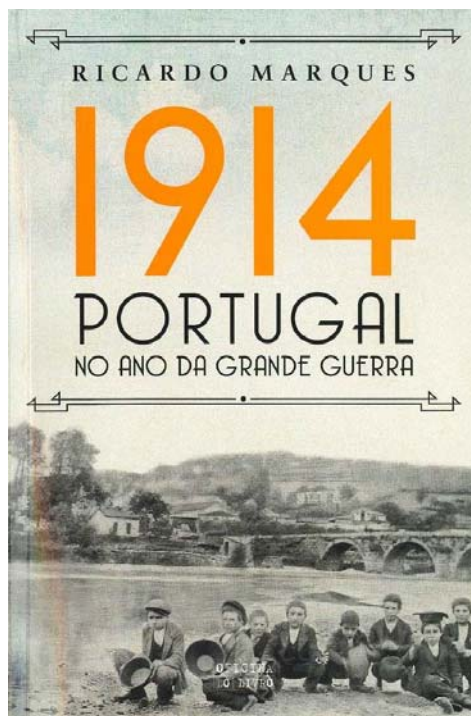
Mário Beja Santos<sup>1</sup>

O livro intitula-se *1914, Portugal no Ano da Grande Guerra*, por Ricardo Marques, Oficina do Livro, 2014. O jornalista Ricardo Marques meteu mãos a uma empreitada audaciosa: pegou em importantes periódicos, referenciou-se em bibliografia adequada, soube segmentar com talento o dia-a-dia dos portugueses, ilustrando-os com factos, curiosidades, estatísticas e aspetos relevantes da vida social, da ciência, das artes, da política, do desporto e até mesmo do crime. Um ano em cheio, o ano que transfigurou a Europa lançando-a numa guerra medonha, o primeiro dos holocaustos do século.

Ainda se morre, e muito, de febre tifoide, Lisboa tem problemas graúdos de saneamento básico. Morre-se também de tuberculose, a capital é muito suja, a preocupação com o lixo era uma constante, havia quem se indignasse com o perigo que representava uma fossa na Calçada de Picheleira, em Chelas, usada pelos moradores da zona para despejar os dejetos. As farmácias faziam imensas promessas, a saúde era um dos melhores chamarizes para vender: «Além do creosol e do vinho de Victalina, havia, entre outros, o xarope de espinheira para a tosse convulsa, a Levadurina para furúnculos e eczemas, Água Castello de Moura para quase todos os males de estômago e para a diabetes ou a Água da Amieira, cuja radioatividade a tornava ideal para combater moléstias de pele, lesões ulcerosas e doenças de estômago. O problema era um resfriamento? Nada melhor do que a Salipirina, alemã. Crianças ou adolescentes apáticos e sem apetite? Somatose é a solução. Tudo o resto? O melhor era ir até à Farmácia Indiana de J. Mendes, no Largo do Corpo Santo, 29 e 30».

A mortalidade é enorme. A República trouxe a estatística, Agostinho Franco atirou-se ao trabalho, era diretor-geral da Estatística, foi o responsável pelo Censo de 1911. O Instituto de Medicina Legal da Faculdade de Medicina estava em pleno funcionamento. O pensamento científico quase roçava a religiosidade. Em Paris, na Sociedade de Medicina Legal, a grande questão no início do ano tinha sido a possibilidade de a loucura poder ser uma causa para o divórcio. E Ricardo Marques discreta sobre o tratamento da loucura em Portugal, onde pontificava Rilhafoles, depois Hospital Miguel Bombarda.

Portugal é ainda uma potência agrícola e os portugueses gostam de flores, de plantar árvores, passeiam-se pelos jardins. A Grã-Bretanha é um grande importador de alimentos:



<sup>1</sup> Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

maçãs, laranjas, peras, cerejas. Mas 1914 foi ano aziago: no Douro, o míldio na vinha arruinou as culturas; trovoadas violentas e uma tempestade de granizo destruíram vinhas, cereais e olivais em Tábua. Ricardo Marques reporta cheias, naufrágios, barcos encalhados. Os animais domésticos provocam uma enorme expressão de ternura e o autor não resiste a uma notícia publicada na Gazeta de Coimbra, em 21 de novembro:

«No dia 17 do corrente, foi enterrada, no cemitério da Conchada, a menina Maria do Rosário Fernandes, de 10 anos. A criança possuía um cãozito a que dedicava uma singular afeição. E sendo assim, no dia do enterro da Mariazita, o cão, não esquecendo os afáguos e as carícias da dona, sentindo a sua perda, seguiu até ao cemitério o fúnebre acompanhamento. E aí, vendo retirarem-se as pessoas que acompanhavam o féretro, já pela tarde, o pobre cão ficou. O guarda do cemitério enxotou-o várias vezes. Mas dada a insistência do animal deixou-o de novo farejar a sepultura da desditosa criança. No cemitério, um velho que assistia a esta grande prova de fidelidade, chorava de comoção, afagando enternecidamente o animal, que por sua vez lambia as lágrimas, latindo em seguida».

A vida política está permanentemente agitada, é um dos capítulos vibrantes do livro, não faltam as cenas de pancadaria no parlamento. Há greves, descarrilamento de comboios, ataques à bomba, 1914 é o ano do primeiro congresso sindical. Traça-se uma palpitante viagem pelo mundo do ensino. O conflito entre a República e a Igreja Católica está ao rubro. No final de 1913, surgiu no Governo a ideia de transformar a Basílica da Estrela num museu. A sede da paróquia fora transferida para a Igreja da Lapa. Há leilões dos objetos das igrejas. O primeiro-ministro Bernardino Machado procura a concórdia e a reconciliação, os mais altos prelados da Igreja que estavam no exílio vão regressando.

E da vida pública passamos à vida privada, é um longo itinerário sobre a pobreza, a esmola, a mendicidade, as cozinhas económicas, as associações beneméritas; há relatos de espancamentos de criadas, fala-se nas redes de tráfico de mulheres; temos a descrição de como o automóvel se introduz nas cidades, as praias do Algarve começam a encher-se de gente e temos uma descrição saborosíssima das excursões e festas do tempo. A guerra veio alterar o funcionamento do mercado e agravou-se a questão já muito antiga dos alimentos impróprios para o consumo. Uma história:

«O mais célebre ocorreu em março quando as autoridades de saúde, em fiscalizações sucessivas durante vários dias, encontraram à venda em muitas pastelarias de Lisboa uma grande quantidade de bolos contendo substâncias nocivas para a saúde. Quase todos os comerciantes vieram a público negar que usassem quaisquer produtos e a Broomfield's English Bakeries, pagou um anúncio no jornal para mostrar não estar envolvida nesta polémica».

Os duelos ainda dão muito que fazer e dores de cabeça ao regime republicano; saltando para o pícaro, temos relatos rocambolcosos de prostitutas ladras, a ousadia dos carteiristas e a infelicidade de Gaudêncio da Costa que não sabia que estava a roubar uma corrente de ouro do bolso de António Simões, chefe da Polícia Judiciária de Coimbra. Os amantes do futebol irão certamente deliciar-se com esses anos heroicos do futebol amador onde as senhoras e crianças estavam arredadas, eram frequentes os casos de pancadaria e ouvirem-se palavrões e grossarias. O bizarro coexistia com o mundo do espetáculo: «Mr. Willard, o homem que crescia à vista de todos, foi o maior sucesso do circo no Coliseu no início do

ano. Ele e um palhaço chamado Otto Viola. No intervalo de um dos espetáculos, realizou-se uma sessão privada para médicos e jornalistas no camarote presidencial do Coliseu. Mr. Willard não se intimidou e voltou a aumentar de estatura em poucos segundos diante da seleta plateia, tornando uma perna maior do que a outra e fazendo mais algumas habilidades que os médicos acharam muito interessantes». Importantes figuras da literatura são dignas de menção: Florbela Espanca, casada com José Moutinho mudou-se aos 20 anos para o Redondo, na serra d'Ossa, onde abriu um colégio e onde recitou, pela primeira vez, versos seus em público. Fernando Pessoa morava com a tia na Rua Pascoal de Melo, 119. Trabalhava na Rua da Prata, 117, como correspondente da firma *Lavado, Pinto e C.<sup>a</sup> Lda.* Nesse ano, em que criou o heterónimo Alberto Caeiro, escreveu *O Guardador de Rebanhos*.

O mundo entrou em guerra e Portugal mandou tropas para Angola e Moçambique. O ano terminou dramaticamente para nós. Após o violento ataque, a 18 de dezembro, a Naulila. Em festiva alemã sobre o forte provocou 70 mortes nas tropas portuguesas, Alves Roçadas mandou retirar as tropas. É uma derrota que deixou feridas e acesas controvérsias.

O livro de Ricardo Marques, pelo tempero e agilidade, pelo doseado sensorial e o elevado equilíbrio entre o dramático e os aspetos cómicos que se entrecem o quotidiano, é um primor. Viva 1914!